



AO N.º 1064 DO



SUBSCREVE-SE

Na Typographia do PATRIOTA, rua do Poço dos Negros n.º 54. Marques, na rua Augusta n.º 2 e 3.

PREÇO

Um mez. 240 rs
Tres mezes. 720 ,,
Anual. 30 ,,

Este Supplemento publica-se todas as segundas e quintas feiras.

DISCURSO DO JOSÉ DOS CONECOS NO COLLEGIO ELEITORAL DA ESTREMADURA.

Morte do ministerio Primavera-Touca.



Não será a crepe fune-
ria, que o supplemento
deve tomar para comemorar
o finado ministerio; não, o ga-
binete Primavera-Touca está
no caso d'os anjinhos.

São as galas, são as flo-
res, são os repiques de sinos
que devem annunciar este
acontecimento; aliás desas-
troso para o supplemento; por
que infelizmente para elle
falta com a morte destes in-
nocentes parvinhos um dos
petiscos mais saborosos; e só
a esperança de que ainda se-
jam mais brutos os seus suc-
cessos nos consola desta perda.

Sim; se é verdade o que diz o borda d'agoa que se-
remos perseguidos e nunca vencidos; a cousa é assim:

- « Governam na nossa terra
- « Um tubarão o dinheiro
- « João das caras o estrangeiro
- « Com a pasta da guerra.
- « Para acabar a filhoo
- « Vai o seringa á marinha
- « O culminante pra o reino
- « Para a justiça o Queiroz.

Apesar desta ventura, que nos annuncia o padre
Adulterio, não deixaremos de eternisar a memoria do
defuncto ministerio que morreo agarrado a um só pen-
samento, a uma só vontade; gente feliz, sua existencia
foi uma contínua primavera, sua morte como a do pas-
sarinho.

- « A terra te seja leve
- « Pancrácio da Lourinhã.

Sr. presidente! — A unidade dos principios e das vis-
tas, eis o essencial para um homem de estado. Eu
não quero senão a independencia nacional. Na nossa
posição temos um inimigo a temer; a revolução, que
se apresenta por toda a parte contra nós, e que é uma
immoralidade; mas a isso podemos oppôr a Hespanha,
que é uma *moralidade*!!

Dizem que a tendencia do meu genio é a pilha-
gem? (*vivos apoiados*) vou resumir esta accusação n'um
alto symbolo philosophico. — *Qui potest caperet capiat*
— cada um obedece á acção do seu genio.

Queim diz que eu sou ladrão? Sr. presidente! são
os jornalistas! são os jornalistas que me accusam; esta
praga da sociedade, esta *immoralidade* palpitante do
nosso seculo; estes vigias constantes que não respeitam
mysterio algum, que tem olhos de lince, que estão
álerta á menor escorregadella, que espalham por todo
o reino seus boletins nos cafés, nos clubs, nas praças,
nos vapôres; em toda a parte; dando parte da vida
alheia, e descobrindo as mazellas de cada um!!

Eu declaro aqui a face desta assemblea com toda
a sinceridade da minha alma candida e pura, que pôdem
fazer de mim um gaiato, um galopin, um fadista e
um pinoia, a tudo me resigno; só o que desejo é não
ser homem pobre; a pobreza não é vicio, mas é peor
do que isso.

Manes do conego Guimarães, eu vos invoco! dizei
quanto vos roubei? mas elle está calado, logo deixei-o
sem real; porque quem calla consente (*vivissimos apoiados*.)

Agiotas, companhias, associações! quanto vos
empalmei! nem eu me quero lembrar disso!! e se ellas
se lembram, é uma *immoralidade*, porque eu nunca
lhes disse que era homem de bem! (*vivos e reptidos ap-
plausos*.)

Estranha-se em Portugal haver um miaistro la-
drão!! e o que foi Mr. Teste em França? Pois se alli
se pôde roubar, porque não heide eu faze-lo no meu
paiz? (*estrondosos apoiados*.)

Já roubei algum de vós? (*abotoam todos as casa-
cas*.) Jámais! apesar do ditado, ladrão que furta a la-
drão tem cem annos de perdão (*prolongados apoiados e
Lopes Limão levanta-se e abraça o orador*.)

Concluo pois, sr. presidente, que tudo isto é nosso,
não estejamos com ceremonias, anullem-se as eleições
liberaes — pão pão, queijo queijo, dê-se o saque geral,
está fechada a sessão.

O COROSCANTE LABORIM.



O HOMEM é geralmente feio, apesar de Buffon sustentar que é o mais bello animal da criação. — Buffon não disse a verdade; quiz lisongear o homem.

Assim, para reparar quanto possível o descuido da natureza para com elle, o bipede em questão tem procurado desde os tempos mais remotos todos os meios imaginaveis de se ataviar o melhor possível.

Adão não achou cousa mais acertada do que uma parra, colhida n'uma figueira, como pertendem alguns authores, que se dizem bem informados.

Hoje, graças ao progresso, estamos mais catitas; inventaram-se as presilhas nas cabeças, os barretes de algodão, e os oculos verdes!

É sobre tudo debaixo deste ponto de vista, que o homem se torna realmente digno dos elogios de Buffon, e sobresahe a todas as outras creaturas vivas... ou empalladas. — Já alguém viu por acaso um tigre de barrete d'algodão na cabeça, ou um leão com oculos verdes? — Sabemos qual seja a resposta, por isso podem guardar o silencio.

Não nos occuparemos no presente artigo, de todos os enfeites e atavios, que a fertil imaginação humana tem inventado com o fim de agradar ao bello sexo. — Levá-los-hia isso muito longe, e de maneira alguma é nossa tenção entrar em concorrência com a Revista Universal.

Vamos tratar meramente das cabelleiras; desse ornamento, que tanto brilhou nos bellos dias da nossa Monarquia, e que, hoje desfrizado pela mão da anarchia, se nos apresenta debaixo do aspecto repugnante do chinó, e da chorina. — É verdade que para nos consolar temos a pomada do Leão, assim chamada por ser de banha de porco.

A origem das cabelleiras perde-se nos cascos do tempo, em vão consultámos todos quantos authores escreviam sobre esta vasta materia. Aristoteles, o grande Aristoteles guarda o mais completo silencio sobre esta questão tão palpitante de interesse. Este illustre philosopho, diz-nos, é verdade, que a cabelleira era conhecida muito antes das epochas historicas dos Gregos, e que em Sparta era prohibida como objecto de luxo; porém não nos diz quem fora o homem de genio que primeiro concebera a idéa de plantar de novo uma mata de cabello sobre um craneo completamente calvo, em consequencia de uma zombaria da natureza, ou em resultado dos jogos olympicos — por que ninguém ignora que nestas ceremonias nacionaes, os alcides agarravam-se aos cabellos uns dos outros, e os arrancavam ás unhas, cobertos pelos applausos de um publico entusiasmado!!

Os historiadores sagrados guardam ainda maior silencio sobre as cabelleiras; porém se destes passarmos para Homero e Hesiodo, encontraremos alguns detalhes importantes respeito á cabelleira do governador civil do Olympo, o proprio Jupiter — por que forçoso é confessar, que á vista do retrato de Jupiter, que nos foi legado por Homero e Phidias, se vê evidentemente que esta alta personagem usava de cabelleira. Talvez se vivesse o não confessasse; porém isso nada faz ao caso.

Entenda-se bem, não accusamos Jupiter; estava no seu direito de trazer ou não cabelleira, e esta declaração não a fazemos por medo dos raios deste deus tonante; porque hoje já ninguém teme os raios depois do cacete cabralino, que é mais temível.

Sansão foi o homem que possuiu o topete mais phe-

nomenal do seu tempo — topete da força de 40 cavallos. — Um bom murto dado por Sansão valia mais do que todas as cacetadas do Puel.

No dia em que o infeliz Sansão appareceu careca, tornou-se-lhe impossivel quebrar a menor costella a amigo ou inimigo.

Tudo porque Dalila, a astuciosa Dalila, lhe havia rapado as gadelhas, fazendo dellas mimo ao rei dos Filisteos.

Sansão mandou fazer uma cabelleira, mas qual historia, até o Ferrão daria com elle em terra.

Tem havido no mundo cabelleiras de todos os feitios; porém os cabell ireiros dos nossos dias apenas as fazem de duas maneiras — cabelleiras pretas para os mancebos de 45 a 60 annos, e cabelleiras avermelhadas para os jovens de 60 a 80 annos.

Quanto aos cabellos brancos esses foram completamente supprimidos, pelo menos em Lisboa; na provincia e nos arrebaldes da capital ainda se encontram alguns, mas são raros, muito raros.

Francamente confessamos que quanto a cabelleiras nossas idéas são retrogradas; pertencemos á classe dos calvos, e nesse ponto somos *calvinistas*, e firmados neste principio para nós incontroverso, declaramos á face das innumeraveis *cabelleiras* do padre Marcos, que faremos uma opposição acintosa a todo e qualquer pellado, que usando de chorina suba ao poder com ella; e se a sobredita cabelleira chorina ou chinó fôr de côr de beterraba, nesse caso seremos inexoraveis.

E para que as nossas intenções sejam bem conhecidas de todos e ninguém possa allegar ignorancia, denunciámos desde já á nação, á Europa, ao mundo, que José Joaquim Gerardo de Sampaio sendo corregedor do bairro da rua Nova usava de chorina de furta-côres, e sendo depois nomeado visconde de Laborim encaixou nos testos um chinó encarnado!!! e por esse facto foi nomeado par do reino.

Hoje, não o acreditamos, dizem que este Laborim, que tem tido no espaço de 20 annos duas cabelleiras diametralmente oppostas em côr e penteado, vai a ser nomeado ministro das justicas!!

Portuguezes! arranquemos á nossa historia esta cabelleira de vergonha nacional!!

MAIS BRIBIÇÕES.



Os asnos pululam em Portugal, como as ortigas por entre muros velhos! Semeai ministros, nasceo *Cu-bellos e Primaveras*. Semeai deputados, levantam a grimpá duzias de petiscos, e entre elles florescem os *rectos*, os Laborins, os Caldeiras, e outros referidos no Novo Methodo.

Estes lacraos de cloaca, estes cravos de defunto, vão decidir dos fados de Lisia, da pobre Lisia, que se continúa n'uma tal progressão decadente, tem um dia de ser representada e governada pelos gaiatos do Praça da Figueira.

E a opposição diz que o paiz ainda não está contente!! Se assim é, a culpa não vem de Costa Cabral; ninguém é capaz de recortar uma recua de azemolas mais nojentas e originaes.

O acaso, esse garoto do acaso, que é a personagem mais fantastica e extravagante, que se pôde imaginar, não era capaz de fazer uma escolha tão horrosamente ridicula como a de Antonio Bernardo para deputados.

Que pena! que as sessões não sejam nocturnas!



PRIMAVERA.

L. M. Franca e Galoada da Coimbra

Dirigia-se o amante cidadão para a galeria, estendia-se n'um banco, mandava vir um bife, ceava, e durante o chilo assistia á sessão.

Fallava o *recta-pronuncia*, por exemplo, e o cidadão ferrava-lhe com uma laranja podre na cara.

Dizia quatro babuzeiras o José dos Conegos e ia-lhe ás ventas o prato do bife.

Seria um carnaval continuo, porque a sessão devia terminar sempre em arraial.

Estamos convencidos que os noyos deputados só foram escolhidos para seryirem de divertimento; não foram eleitos, foram escripturados. Costa Cabral é o nosso Coradini politico, quer divertir nos, e escolheu estes petiscos a seis pintos diarios para distracção do publico.

Bem; esperamos com ancia a primeira representacção; que naturalmente não póde ser senão — volteios graciosos no Pinhal d'Azambuja — scenas da Floresta Negra — dramas de bolça e vida — finalmente, o diabo a quatro.

A carta constitucional garante o direito de petição, e o *supplemento* faltaria aos seus deveres se não fosse o primeiro a invocar esse direito para pedir, que a nova camara de deputados se torne theatro de Funambulos, e que suas funcções comecem á hora da ceia.

O *supplemento* conta que os artistas interessados apoiarão vigorosamente esta pretencção; e lisonjeia-se que o publico da capital não deixe este novo Tivoli entregue ao abandono, visto se em os logares *gratis*, e o vinho fornecido pelo reverendo padre Marcos.

Tormento thelegraphico.



SR. José Augusto Correia Leal, impaciente por saber se era ou não deputado, dirigio-se ao thelegrapho para *rectificar* a galope a noticia do triumpho ou da derrota.

Começaram as taboinhas a trabalhar, e nada de José Augusto deputado.

O pobre *recta-pronuncia* estava quasi morto; quando as taboas dão — José — reviveo por um pouco, porém segue-se logo — Jacob — tornou-se pálido como uma gallinha depennada!!

Mecheram de novo as taboinhas, e aparece a palavra — engano — e logo depois o nome de Augusto! Ah!!! foi a expressão do pobre orate. Puchar logo de uma mexicana, dá-la ao sargento do thelegrapho, prometter a sua protecção e um posto de accesso ao alferes, foi tudo obra de um momento.

O *recta-pronuncia* está deputado! é o maior triumpho que tem alcançado ha vinte annos a estupidez!!

Theatro de S. Carlos.

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DA OPERA ATILA, EM 4 ACTOS, MUSICA DO MAESTRO VERDI.

Debuté de Mademoiselle Librandi.



OPERA *Atila* foi representada em S. Carlos na noite de 17 do corrente pe'os srs. Vulpini, Pizicatti, Sansoni, Patriossi, Bruni e a sr.^a Librandi.

O theatro estava cheio, uns para ouvirem a sr.^a Librandi, e outros para verem o sr. *recta-pronuncia*, que acaba de ser eleito deputado.

Não nos occuparemos muito desta peça que o publico já conhece; trataremos só dos artistas: os srs. Vulpini e Pizicatti foram os que cantaram; os mais sabe Deos o que fizeram, e como nos deixaram os oydidos.

A sr.^a Librandi causou a maior admiracção; *O sr. Sansoni é o Atila meo'os atilado que temos visto.*

Se o assassinato fosse punido como manda a lei, a maior parte dos cantantes estavam hoje no oratorio.



SR. Leal da *recta-pronuncia* acaba de ser eleito deputado pela cidade do Porto; este distincto petisco é dotado de grandes talentos da sociedade.

Ainda não ha muito que em casa do sr. conde do Farrobo divertia a companhia com engracadas scenas de ventiloquia. O illustre deputado imita perfeitamente os animaes; esconde-se debaixo d'uma mesa, mia como um gato, e ladra como um cão. S. S.^a será um dos maiores ornamentos da futura camara.

O sr. Joaquim Honorato Ferreira, primeiro barão do Suor, dizem fóra eleito deputado pela ilha de S. Miguel; os seus discursos terão o merito de cheirarem a sovaquinho.

O TREMOR de terra que se sentio na madrugada de 17 não causou o menor estrago, apenas derribou o pardieiro do ministerio.

ESTAMOS authorisados a declarar, que os discursos que o sr. deputado Recta pronuncia tiver de fazer a camara, são todos ineditos e em Portuguez.



Os seis espantalhos que ahí tem servido de ministros esperam ser eleitos deputados pelos reinos de Bissau e Cacheu.

Os cabralistas dizem que subindo o conde de tomar ao poder não lançará tributos sobre os mortos, mas que hade enterrar os vivos.

Na madrugada de 17 do corrente sentiram-se dous tremores de terra; não nos admiramos por que os julgamos percursores do grande terremoto que os cabraes preparam a este paiz.

A nova camara dos deputados tomara o titulo de camara petisca.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.